

# Lembra de Mim

Por Luiz Cláudio Sena Santos\*

**H**elena sabia que a turma do escritório não deixaria passar em branco seu aniversário de 29 anos. Flávia, sua assistente – e confidente para assuntos inconfessáveis – deixara transparecer que havia uma surpresa sendo arquitetada. Por isso, pela certeza de uma pequena festa em sua homenagem – e ainda porque merecia, ora essa! –, agendou uma escovinha para as 09:00 horas e escolheu seu vestido lilás – presente que Pedro lhe dera quando do passeio que fizeram juntos a Florianópolis e que ela não usou porque, no frio daquele junho, era impraticável aquele decote. Escovinha, brincos afro, a sandália preta de salto agulha e adereços lilases. E um colar solitário. A única inconveniência era dirigir. Aquela sandália teimava em ficar no intervalo entre o acelerador e o freio. Resolve dirigir descalça. Melhor assim. Garagem do prédio onde trabalha. Elevador. Décimo terceiro andar. Sala oito. Departamento de Marketing. Não sabe contabilizar quantos elogios recebeu desde que estacionou até sentar-se em sua mesa. Só Pedro não estava lá para vê-la. *E me olhar com aquele olhar*

*de quem me despe.* Lástima. “*Amiga! U-lá-lá!*”. É Flávia, carregando um buquê de flores. Presente do Pedro. Os colegas do departamento deixam transparecer que não querem transparecer que estão a postos para irem à sala de reuniões, onde Flávia já organizou a festa hipoteticamente surpresa. “*Minha filha, só porque é seu aniversário, tinha que atrasar três horas? O chefe tá uma arara contigo. Ele está na sala de reuniões e quer todo o material da campanha de final de ano. Deixa eu te dar um abraço forte!!*”. Ela sabe o que a espera. Dá um tempo para que o pessoal tenha condições de simular naturalidade ao se aglomerarem na sala de reuniões e vai para lá com sua pasta da campanha. Abre a porta e é saudada com vivas e aplausos e parabéns e abraços e elogios etc. Abre um sorriso e faz um ar de surpresa nada convincente. Livros e CDs e



DVDs. Presentes. Que bom que o Raul teve o bom gosto de presenteá-la com o álbum novo do Ivan Lins – Novo Tempo. “*Obrigada, gente!*”. Não vê a hora de tirar a sandália, que já tomou as devidas providências para desenvolver dois calos naquele sofrido calcanhar. Termina o dia. Garagem. Pés descalços no trânsito. Garagem do seu prédio. Elevador. Quarto andar. Apartamento 401. Tira a chave da bolsa depois de uma procura de três minutos (tá, é exagero, mas demorou), enquanto seus pés clamam por um divórcio permanente daquela famigerada sandália. Abre a porta aborrecida. “*Porque diabos eu não penduro essa bendita chave no pescoço?*”. Entra em casa. Ávida, tira a famigerada sandália. Joga a bolsa no sofá. Senta-se. Mas, imediatamente, lembra-se do Ivan Lins. Adora Ivan Lins. A bolsa. Remove o papel de presente. Remove o plástico do CD. Nada mais irritante que a extrema qualidade da plastificação de CDs no Brasil. Arre!. Liga o aparelho de som. Os primeiros acordes do Ivan –

“*... daquilo que eu sei, nem tudo me deu clareza...*” – fazem-na mudar o semblante. O cansaço foi substituído por um prazer que entra pelos ouvidos e sai pelos olhos, olhos que ela acaba de fechar para melhor beber a melodia. Fome. Cozinha. Geladeira. Olha o iogurte. Olha a cerveja. Pensa. Tudo me é lícito, nem tudo me convém. Maçã. Maçã me convém. Lástima. O custo altíssimo da manutenção dos seus 51 quilos. Volta à geladeira. Toma o iogurte. Transgride. Respinga no vestido. Lástima. “*... quero toda sua pouca castidade...*”. Quarto. Toalha. Banheiro. Chuveiro. Sabonete em creme Ekos, da Natura. Shampoo Niely Gold Chocolate (Nutre e deixa os cabelos mais fortes, com maciez e brilho). Pensa em Pedro. O que estará fazendo aquele calhorda neste

momento? Deixa a água cair em seu corpo. Mais Ekos da Natura. Vontade de dormir bem aqui. Trinta reais numa escovinha. Trinta reais num investimento que acaba de desfazer-se. Condicionador. Creme Hidratante. “... *sua alegria escandalosa...*”. Pedro é uma pedra. “... *vontade de passar dos seus limites...*”. Toalha. Quarto. “... *no novo tempo, apesar dos castigos...*”. Senta-se na cama. Camisola. As mulheres, no seu quarto, têm gestos mais lentos que aqueles que fazem na sala, na cozinha, no banheiro. É como se o quarto fosse seu tabernáculo. Sua sagrada masmorra. Há uma infinidade de cremes no compartimento lateral do guarda-roupa. Dove. Leite de Colônia. Remover toda a maquiagem, toda aquela moldura para nada. Nada é Pedro, leitor. Segue-se o creme facial. “*Oh, Madalena, o que é meu não se divide...*”. Lentamente, ela passa o creme A, que será seguido do creme B. Nas mãos, o creme C. No rosto, o creme C também. Há toda uma ciência no uso dos benditos cremes. E o ritual é feito com tal teatralidade e suavidade e singeleza que temos a impressão de que ela tem a impressão de que há uma platéia observando cada movimento. “... *o mar é uma gota comparada ao pranto meu...*”. Finda a trajetória dermatológica, segue-se a escolha da roupa de amanhã. Amanhã é sexta-feira. Minha bota marrom, calça jeans, camiseta branca, e o casaco de couro marrom (vai que esfria). Fatal. Pedro. Pedro é uma pedra no meu caminho. “... *o que é meu não se divide...*”. Eu não vou ligar. Não ligo. Ele que ligue, se quiser. Cansei de msn. Porcaria. Vinte e nove anos. Mais alguns dias e Flávia me entregará novo buquê. Lástima. Terei trinta anos. Lástima. “... *vai valer a pena ter amanhecido... começar de novo...*”. Trinta anos. Sem filhos. Eu pago minhas contas. E sou dona do meu nariz. Trinta anos. 51 quilos. A decisão pela calça jeans e adjacências surpreende pela rapidez. Normalmente, a eleição da roupa do dia seguinte supõe que a platéia pagou caro pelo bilhete e quer drama, muito drama. E nada mais dramático que a inquietação de uma mulher que escolhe uma roupa. *Tão lindo o buquê!* “... *com força e com vontade, a felicidade há de se espalhar...*” O buquê ficou no escritório. Deixa lá. Talvez ela precise mostrar a todos que está tudo bem, que eles estão bem. Talvez ela precise que ele saiba que ela colocou as rosas num vaso d’água para dar-lhes sobrevida. Deve ser coisa do subconsciente. Sei lá. São quase dez horas e a maçã/iogurte não foi capaz de preenchê-la. Lástima. Iogurte. Se ele sabia, porque não foi me

ver? Porcaria de buquê! “*Lembra de mim, a gente sempre se casava ao luar...*” Senta-se. Chora. Levanta-se. Não vou chorar. Não vou chorar. Ela é dona do seu nariz. Paga suas contas. Na bolsa, o cartão de Pedro, e sua letra bonita, mas ilegível: “Docinho, as rosas não falam. Parabéns! Pedrito.” Grande coisa!. E daí que as rosas não falam?! Isso lá quer dizer alguma coisa?! Lástima. “... *tão naufragados e exaustos de amar...*”. Deixa cair a toalha. Seu imaginário público está enrubescido. Veste a camisola. Docinho... docinho é sua vó! “... *se existe um pouco de prazer em sofrer...*” Pedro estava na cidade, claro. Mas foi ela quem disse que não queria vê-lo nem pintado de ouro. “... *depende de nós...*” Foi ela que o deixou plantado no Praça de Alimentação. Foi ela quem terminou com tudo. “... *que faz tudo prum mundo melhor...*” Ela tinha seus motivos. Ele tinha justificativas. Ele entendia seus motivos. Mas ela, implacável, não aceita justificativas. “... *que o sol descortine mais as manhãs...*”. Apaga a luz. Deita-se. “... *se devoravam com a sede dos presídios...*” Não pode dormir antes de desligar as luzes. E precisa pegar a bolsa. Rer o cartão de Pedro. Quem sabe haja uma mensagem subliminar ilegível?!. Quem sabe uma marca-d’água?! Pega o cartão. A bolsa – repositório de mais coisas que porão da família Adams –, aberta, deixa entrever o celular. Naquele instante, ela se lembra de tê-lo colocado no vibra call durante a reunião. Havia 17 chamadas e uma mensagem de texto. O número: 071-9177-2889. Claro que era o número do Pedro, leitor! 17 chamadas. Lástima. A mensagem de texto: “Docinho, te pego às 11:30? Estou te ligando desde meio-dia. Me perdoa, vai! Pedrito”. “... *vieste com beijos silvestres colhidos para mim...*” Cachorro! Mas ele não tinha culpa, ora essa! Foi ela quem fez a burrada. Ele mandou flores, ligou diversas vezes, mandou mensagem. E ela, feito besta, imaginando coisas. “... *Fique certa, quando o nosso amor desperta, logo o sol se desespera, e se esconde lá na serra. Oh, Madalena*”. Pedro é notívago e acha que todo mundo o é. Lástima. Molhei o cabelo. Só falta ele querer que eu inaugure o vestido lilás manchado. Esboça um sorriso. É 13 de janeiro. 23 horas. Noite de quinta-feira. Mas o sol estava brilhando como nunca jamais brilhara.

---

\* Luiz Cláudio é servidor da Auditoria Interna do INSS, em Salvador. Trabalha no Instituto há 10 anos.